

UMA BREVE HISTÓRIA DO SINDICATO DE TRABALHADORES INDUSTRIAIS E COMERCIAIS DA ÁFRICA DO SUL (1919-1931)



Dossiê nº20
Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
Setembro de 2019

Uma breve História do Sindicato de Trabalhadores Industriais e Comerciais da África do Sul (1919-1931)



Dossiê nº20 do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
Setembro 2019

Em *Mensagem às bases*, um discurso feito em Detroit no final de 1963, Malcolm X observou precisamente que “de todos os nossos estudos, a História é mais qualificada para recompensar nossa pesquisa”. Mais recentemente, em *A rebelião de cinco séculos: movimentos indígenas e descolonização da História na Bolívia*¹ (2019), Benjamin Dangl examinou o trabalho político realizado na Bolívia para contestar histórias coloniais e das elites, recuperando e afirmando histórias que levam em conta a ação e a luta popular. Ele argumenta que esse trabalho ofereceu “uma ponte entre gerações, uma maneira de compartilhar histórias de opressão e resistência e, como resultado, levar as pessoas à ação”. Esse trabalho requer pesquisar, pensar e escrever ativamente contra o que o intelectual haitiano Michel-Rolph Trouillot chamou de “silenciamento” das histórias radicais dos oprimidos por formas de poder colonial – um “silenciamento” que tem sido tão eficaz que muitas vezes tornou essas histórias “impensáveis”.

Na África do Sul pós-*apartheid*, as ricas histórias de luta contra o colonialismo e o *apartheid* tornaram-se monopolizadas pelo partido no poder, o Congresso Nacional Africano (CNA). A história do CNA foi contada de uma forma que destacou o papel da elite dentro da organização. Essa nova elite formada em torno do CNA e do Estado mobilizou reivindicações sobre o passado para legitimar sua própria autoridade, incluindo sua autoridade para reprimir novas formas de luta popular. Estas,

¹ Título original: *The Five Hundred Year Rebellion: Indigenous Movements and the Decolonization of History in Bolivia* (2019).

incluindo aquelas com raízes profundas nas lutas do passado, foram frequentemente atribuídas a conspirações externas e à criminalidade. À medida que o CNA se tornou mais autoritário, durante a presidência de Jacob Zuma (2009-2018), apresentou a história da luta em termos agudamente masculinistas, com as ações militares em primeiro plano. Isso deslocou a memória das lutas populares organizadas nos locais de trabalho e nas comunidades rurais e urbanas, lutas nas quais as mulheres costumavam desempenhar um papel central.

Semelhante ao caso da Bolívia, as mais organizadas e novas formas de luta popular que surgiram após o *apartheid* têm afirmado explicitamente a recuperação das histórias populares de luta como um importante trabalho político. Essas formas de luta, que ameaçam perturbar a hegemonia da classe dominante, enfrentam formas severas e muitas vezes assassinas de repressão. Nas ocupações de terra organizadas pelo Abahlali baseMjondolo, em Durban, por exemplo, a história é invariavelmente considerada um lugar central na educação política.

Um século após sua formação, o Sindicato dos Trabalhadores Industriais e Comerciais (ICU)² foi amplamente esquecido, mas sua história é extraordinária. O crescimento explosivo do ICU – que assumiu a forma de sindicato na década de 1920 nas docas da Cidade do Cabo, junto a um movimento camponês na zona rural do Cabo Oriental e um movimento de posseiros

² Em inglês, as iniciais do sindicato eram ICU – Industrial and Commercial Workers' Union. As iniciais soam como “I see you”: eu vejo você.

em Durban – foi surpreendente. O ICU transformou o garveyismo³, o sindicalismo e o comunismo em formas e histórias de luta com raízes pré-coloniais, expandiu-se pela África austral sem consideração pelas fronteiras nacionais e contou com pessoas de vários países africanos e do Caribe em sua liderança, bem como indianos e mestiços. Hoje – em um tempo em que a história das lutas é refratada implacavelmente pelo prisma do elitismo, no qual várias formas de chauvinismo estão se proliferando e em que a xenofobia dirigida pelo Estado está resultando cada vez mais em violência popular e estatal contra migrantes de outras partes da África e Ásia – há muito a ser aprendido com a história do ICU.



³ Seguidores das ideias do jamaicano Marcus Garvey, um dos principais militantes do movimento nacionalista negro.



Reunião do ICU em Curries Fountain.
Arquivos UNISA

Estamos construindo um sindicato

Estamos construindo um sindicato
Com o qual esperamos salvar a terra
ICU são suas iniciais
Em suas fileiras, tomamos posição.

Mostraremos pelo conselho de operários
Como banir os males suados
Como aumentar o status do homem negro
Como acabar com conflitos que matam.

Sindicato é um movimento de tudo ou nada
Ninguém de fora nos ferirá;
Com braços cruzados, ficamos como estátuas
Cantamos nossa música, e mais nada

Avante com essa grande união
Na qual todos estaremos organizados
Falange sólida e unida
Não mais seremos desprezados.

ICU soletra somente os trabalhadores;
ICU – fraternidade.
ICU significa libertação;
ICU – “O trabalho é a chave”.

– Este poema do ICU foi exibido no Museu da Biblioteca dos Trabalhadores em Newtown, Joanesburgo. A autoria é desconhecida.

O Sindicato dos Trabalhadores Industriais e Comerciais (ICU) foi formado na cidade portuária da Cidade do Cabo, em 1919. Ele se espalhou rapidamente pelo país e nas regiões, incluindo áreas que hoje são parte da Namíbia, Lesoto, Zimbábue e Zâmbia.

Em sua autobiografia, Clements Kadalie – que se tornou o primeiro líder sindical nacional negro na África do Sul – lembra de caminhar pela rua Darling, na Cidade do Cabo, em uma tarde de sábado de 1918. Kadalie vinha de Nyasaland (hoje Malawi). Ele nasceu e foi educado em uma escola missionária e veio para a Cidade do Cabo após estar na Rodésia (hoje Zimbábue), onde trabalhou em minas (em funções administrativas). Ele escreveu: “[foi] a tortura sistemática do povo africano na Rodésia do Sul que acendeu o espírito de revolta em mim”. Naquela tarde, ele havia sido empurrado para fora da calçada e agredido por um policial branco. Um transeunte branco, A. F. Batty, interveio. Batty era sindicalista e socialista na Grã-Bretanha. Os dois começaram a trabalhar juntos politicamente e decidiram tentar iniciar um sindicato para representar os trabalhadores negros nas docas. Eles convocaram uma reunião pública na rua Buitengracht, em 17 de janeiro de 1919. Formaram o Sindicato dos Trabalhadores Industriais e Comerciais (ICU) com 24 membros. Em dezembro daquele ano, estavam atuando junto a um sindicato já estabilizado, o de Trabalhadores Industriais da África, e puderam convocar uma greve que fechou as docas por três semanas.

CRITICISM
WITHOUT
FEAR OR
FAVOUR
RANCOUR
OR CANT

THE WORKERS HERALD

The Voice of African Labour

THE
PAPER
THAT
GETS
THINGS
DONE

Vol. I. No. 1 Registered at G.P.O. JOHANNESBURG, SATURDAY, 15th JUNE, 1929

Price 3d



When
He
Awakes



This Photograph is a reproduction of a painting on a Panel in the Workers Hall, Johannesburg.

It is symbolical.—The broken pillars representing the twin repressions of Colour Prejudice and Poverty.

(Copies can be obtained by forwarding 2/3 in P.O. crossed "& Co.", Manager "Workers Herald", 14 Market St., Johannesburg).



Ten Commandments of Social Justice.

(1)—"I am the Lord thy God, but thou shalt remember that I am the God of all the earth. I have no favourite children. The Negro and the Hindu, the Chinese, Japanese, Russian and Mexican are all my beloved children.

(2)—"Thou shalt not measure a city's greatness by its population or its Bank clearings alone, but also by its low infant mortality, its homes playgrounds, schools, and hospitals.

(3)—"Thou shalt remember that no civilisation can rise above the level of its respect for and ideals of womanhood.

(4)—"Thou shalt remember thine own sins and build no prisons for revenge and punishment, but make thy courts clinics for the soul, and thy jails hospitals for moral diseases.

(5)—"Thou shalt remember that the end-product of industry is not goods or dividends, but the kind of men and women whose lives are moulded by the industry.

(6)—"Thou shalt press on from industrial democracy to political democracy, remembering that no man is good enough or wise enough to govern another man without his consent, and that, in addition to a living wage, every man craves a reasonable share in determining the conditions under which he labours.

(7)—"Thou shalt outlaw war and make no threatening gestures either with great navies or vast military preparations against thy neighbour.

(8)—"Thou shalt honour men for service alone, and dishonour none because of race, colour or previous condition of servitude.

(9)—"Thou shalt not bear false witness against thy fellow man, by malicious propaganda or by calling him contemptuous names such as—Chink, Nigger or Sheeny.

(10)—". . . . now that thou art rich and prosperous, beware lest thou export to Asia and Africa only thy science and efficiency, thy warships, goods and Bioscopefilms, and forget to export the Christian message and the Christlike spirit also."

(The Bulletin of the Federal Council of Churches in America.)

Correntes radicais na Cidade do Cabo

Como mostram Peter Linebaugh e Marcus Rediker em *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*⁴ (2000), as ideias revolucionárias circulavam com frequência por cidades portuárias durante o período colonial. A Cidade do Cabo não foi uma exceção. Em 1808, as pessoas escravizadas em fazendas fora da cidade se revoltaram. A rebelião de escravizados foi liderada por um escravizado alfaiate mauriciano, Louis, e incluiu pessoas nascidas no Cabo, assim como na Índia, na Irlanda e no que hoje é a Indonésia. A revolta de escravizados foi inspirada pela Revolução Haitiana, que chegou a um desfecho vitorioso no dia de Ano Novo, em 1804. As notícias do Haiti provavelmente chegaram às pessoas escravizadas em fazendas fora da Cidade do Cabo via marinheiros caribenhos e trabalhadores portuários.

Mais de um século depois, o ICU emergiu da fermentação geral negra – incluindo tumultos, greves, boicotes e campanhas contra a Lei do Passe⁵ – que se desenvolveu na maioria das cidades e em muitas áreas rurais da África do Sul, após a Primeira Guerra Mundial.

Houve considerável descontento popular na Cidade do Cabo por alguns anos, tanto nas docas – o maior empregador da ci-

⁴ Título original: *The many-headed hydra: sailors, slaves, commoners, and the hidden history of the revolutionary Atlantic*.

⁵ Essa lei foi instaurada no final do século XVIII e obrigava os negros e negras da África do Sul a portarem uma caderneta na qual estava registrado onde eles podiam circular; era um dos principais elementos do sistema de *apartheid*.

dade – quanto nas favelas. As moradias precárias que cercam a cidade remontam a uma epidemia de peste bubônica em 1901, quando os africanos – estigmatizados pelo racismo colonial como sendo “insalubres” – foram responsabilizados pela rápida disseminação da doença e submetidos a ataques armados que os expulsaram da cidade. Na verdade, a peste havia sido trazida à cidade por ratos nos fardos de feno que acompanhavam cavalos importados da Argentina que seriam usados na Guerra dos Bôeres.

Sob o sistema de segregação, os trabalhadores migrantes africanos deveriam estar confinados ao local da doca; famílias africanas foram confinadas no distrito de Ndabeni. Localizado na periferia da cidade, não tinha ruas ou iluminação pública, era adjacente a um depósito de esgoto e estava cercado por uma cerca de arame farpado patrulhada. Era um espaço carcerário, um gueto. No entanto, logo se tornaria superlotado, e então, terras foram ocupadas e barracos foram construídos em todo distrito. Como é comum no espaço e no tempo, a militância das favelas tendia a atingir o pico quando os moradores eram ameaçados de despejo.

A Federação Social Democrata, formada na Cidade do Cabo no dia 1º de maio de 1904, foi um importante precursor do ICU. Mobilizava-se pela solidariedade inter-racial dos trabalhadores e dirigia cozinhas comunitárias, uma livraria, um salão para eventos públicos e uma gráfica. Organizou um sindicato, greves e a apropriação direta do pão. Também organizou viagens

para a praia, um coral e até batismos socialistas. Alguns de seus membros mais radicais pediam por ações diretas armadas, sob uma bandeira negra, destinadas a tomar terras e fábricas e colocá-las sob o controle dos trabalhadores.

O grande aumento da militância política em todo o país, no final da Primeira Guerra Mundial, em novembro de 1918, foi provocado pelos soldados que retornavam e esperavam um acordo melhor, bem como pela inflação desenfreada. O Sindicato de Trabalhadores Industriais da África, formado em Joanesburgo em 1917, tendo como modelo o Sindicato dos Trabalhadores Industriais do Mundo, convocou sua primeira reunião em massa na Cidade do Cabo em 1919. Fred Cetiwe, uma de suas principais figuras, era de Qumbu, região rural do leste da Província do Cabo. Depois de ser demitido de seu emprego em Joanesburgo por seu papel de liderança na campanha do Congresso Nacional Indígena Sul-Africano contra a Lei de Passe, Cetiwe chegou à Cidade do Cabo e viveu em Ndabeni, que fervilhava com energia política diante das ameaças de despejo. Em 1920, o Sindicato de Trabalhadores Industriais da África começaria a trabalhar de perto com o ICU. O Congresso Nacional Indígena Sul-Africano, fundado em 1912, se tornaria o Congresso Nacional Africano (CNA) em 1923.

Mas o sindicalismo não foi a única ideia radical no ar das docas da Cidade do Cabo. As ideias de Marcus Garvey também atraíam consideravelmente os trabalhadores caribenhos das docas. Isso foi significativo para o ICU desde o início, já que sua base

inicial incluía trabalhadores portuários designados como “de cor” pela autoridade colonial, bem como trabalhadores africanos e caribenhos.

Em 1920, o ICU faria sua primeira incursão para além das fronteiras do Estado colonial quando James La Guma, um comunista cujo filho Alex se tornaria um grande romancista comunista, foi enviado para fundar uma seção em Lüderitz, no que era então o sudoeste africano, hoje a Namíbia.



AWG Champion na entrada do Clube de Trabalhadores Africanos, na rua Leopold, 25, em Durban.
Arquivos UNISA

Um grande sindicato

A opinião dominante no Congresso Nacional Indígena Sul-Africano se opunha às tentativas de organizar os trabalhadores independentemente do movimento nacionalista, que estava firmemente sob o controle da aristocracia e da classe profissional. Mas em julho de 1920, H. Selby Msimang, membro fundador do Congresso e editor de jornal que havia se tornado um organizador trabalhista, convocou uma conferência de líderes da classe trabalhadora com representação de vários sindicatos na cidade interiorana de Bloemfontein. Os trinta e poucos delegados da conferência decidiram criar “um grande sindicato de trabalhadores qualificados e não qualificados da África do Sul”. Eles resolveram unir-se sob a bandeira do ICU. Quando Msimang foi eleito presidente e Kadalie não teve êxito em sua tentativa de se tornar o secretário, os dois se desentenderam. Mas o ICU rapidamente se transformou em um movimento de massa com o apoio de trabalhadores, camponeses, posseiros e intelectuais em toda a África austral.

Num momento em que as mulheres não podiam aderir ao Congresso Nacional Indígena Sul-Africano como membros de pleno direito, é surpreendente que um dos objetivos centrais da nova organização fosse exigir igualdade salarial para homens e mulheres e “buscar que todas as mulheres nas indústrias e no serviço doméstico estejam protegidas pela organização, incentivando-as a se somarem em todos os setores do sindicato e a ajudá-las a obter um salário digno”. No entanto, isso não foi alcançado. No auge de sua popularidade, as mulheres representavam cerca de 15% dos integrantes. Apesar disso, o ICU permitiu o surgimento de algumas poderosas líderes, e

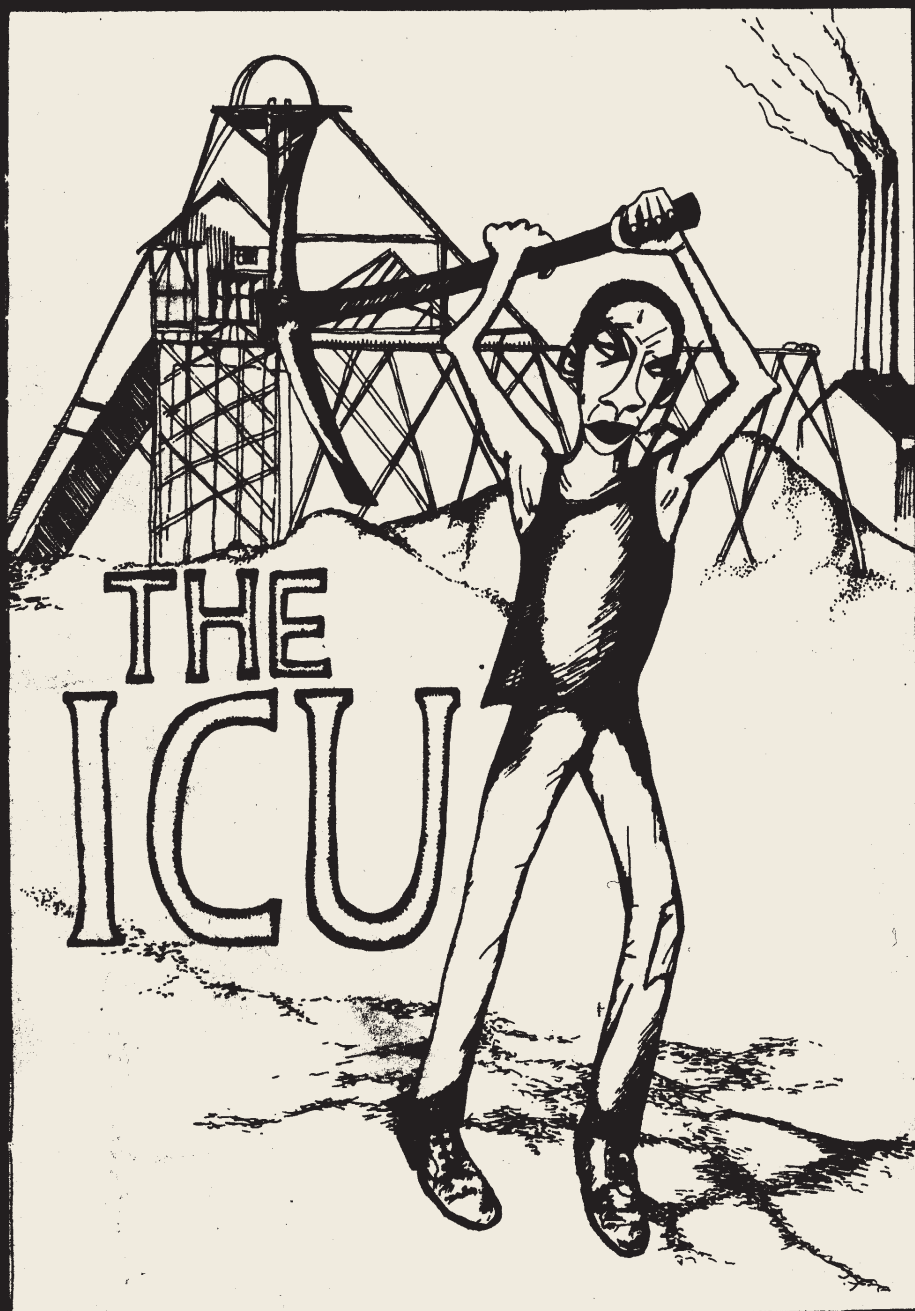
o compromisso declarado da organização com a equidade de gênero nesse período é digno de nota.

Samuel Masabalala – um líder do ICU – retornou da conferência para Porto Elizabeth, uma cidade portuária industrializada na parte oriental da província do Cabo, onde tentou organizar uma greve geral. Logo depois, foi preso em outubro de 1920 com acusações forjadas. Quando uma multidão de 3 mil pessoas se reuniu para exigir sua libertação, 24 pessoas foram mortas a tiros e diversas foram feridas. Após o massacre, os trabalhadores de lojas em Porto Elizabeth colocaram panfletos em caixas de mercadorias que eram transportadas pelo país e, em um mês, os trabalhadores agrícolas no Estado Livre de Orange (uma província no centro do país) tinham conhecimento do conflito e começaram a ameaçar seus chefes. Quando ficou claro que os sindicatos estavam se inspirando na Revolução Russa, houve um crescente pânico branco em relação ao “povo da bandeira vermelha”, já que o ICU era conhecido pelos brancos, em meio a pedidos de mobilização de comandos.

Msimang respondeu à militância que surgiu em Porto Elizabeth com bastante cautela e em 1921 Kadalie assumiu o controle do sindicato com o apoio da seção de Porto Elizabeth. A liderança caribenha dentro do ICU – bem como os estreitos laços da organização com garveyistas tanto dos EUA quanto do comunismo soviético – fez o ICU acompanhar avidamente os movimentos anticoloniais em outras partes da África e da Índia. Ideias cosmopolitas de todo o mundo estavam ligadas a formas populares de anticolonialismo que tinham raízes em formas

pré-coloniais de política popular. Helen Bradford argumenta que “a partir da relação conflituosa entre o nacionalismo africano e o internacionalismo, surgiu uma perspectiva política profícua”.

Para o crescente horror da autoridade branca, o ICU rejeitou o Congresso – como o Congresso Nacional Indígena Sul-Africano, depois CNA, eram conhecidos – como “bons garotos” e a “velha brigada”. Ao mesmo tempo, o ICU se expandiu de forma constante por toda a África do Sul. Em abril de 1925, desempenhou um papel importante em uma mobilização de 23 mil residentes negros de Bloemfontein, que se transformou em uma revolta na qual a propriedade da polícia foi destruída e homens marcharam corajosamente pela cidade agitando bandeiras vermelhas. Cinco pessoas foram mortas a tiros.



Capa de um panfleto do ICU (publicado em 1983 pelo Labour History Group).
Wits Historical Papers

Crescimento explosivo

Em 1925, mais de 22 mil africanos viviam – ilegalmente e geralmente em barracos – nas áreas periurbanas da cidade portuária de Durban, na província de Natal. Bairros como Mayville, Sydenham, Cato Manor e Clairwood se tornaram o centro de uma presença proletária auto-organizada. As condições de moradia estavam longe de ser ideais no que o prefeito descreveu como “bairros mais miseráveis”. Nesses bairros relativamente autônomos e cada vez mais cosmopolitas, a cultura popular foi forjada fora da dominação branca direta. Pessoas começaram a desenvolver meios de subsistência fora do trabalho assalariado. A seção de Natal do que agora era chamado de Congresso Nacional Africano (CNA) estava ausente em grande parte desses espaços, concentrando-se, em vez disso, nas demandas de uma pequena elite proprietária e educada por missões para se incorporar ao sistema colonial. Uma demanda fundamental era a habitação para “a melhor classe” dos africanos.

Em 1925, uma seção do ICU foi aberta em Durban. Allison Wessels George (AWG) Champion logo assumiu o controle. Champion havia sido expulso do Instituto Amanzimtoti (mais tarde Adams College), uma escola missionária altamente conceituada, por organizar alunos em um protesto contra o regime disciplinar da escola. Como muitos de seus contemporâneos da classe média africana, ele tinha um histórico de trabalhos precários e ocupou oito empregos mal pagos antes de se tornar militante. Champion era carismático e, nos dezoito meses após sua chegada a Durban, o ICU local contava com 58 secretários, organizadores e militantes.

Embora a organização fosse bastante hierárquica e em grande parte dirigida por panelinhas nos altos escalões, as filiais frequentemente (embora nem sempre) tinham um grau muito maior de controle popular. Apesar de alguns casos de corrupção e várias fraturas internas, o ICU se expandiu para áreas rurais em ritmo acelerado. Em 1927, vinte e uma filiais foram abertas em Natal em apenas três meses. O sindicato arrecadou cerca de 10 mil libras em Natal naquele ano e a seção de Durban reivindicou 27 mil membros pagantes – um número surpreendente, dado que a população de africanos na cidade estava estimada entre 35 e 40 mil. O sindicato afirmava ter 50 mil membros em toda a província.

O crescimento explosivo do ICU não se deu apenas em Durban. Entre 1927 e 1928, o movimento se espalhou pelo país e seções foram formadas em pequenas aldeias, como o fogo no palheiro de Mao. Os africanos do campo formaram a maior parte dos 150 a 250 mil membros do sindicato. Diante de greves, recusas ao trabalho, mutilação de gado e outras formas mais generalizadas de resistência, fazendeiros brancos furiosos invocaram a intervenção estatal, alegando que isso não era sindicalismo, mas “agitação geral”.

Na província de Transvaal, uma estimativa conservadora calculou em 27 mil o número de associados em 1927. Batalhas legais, que apavoraram os fazendeiros brancos, foram fundamentais para a capacidade do sindicato de atrair apoio rapidamente, mas, em contrapartida, esgotaram os fundos do sindicato e

criaram expectativas que nem sempre puderam cumprir.

Bradford escreve que na Transkei – então uma “reserva”, mais tarde uma “pátria” e agora parte da província do Cabo Oriental – o ICU foi “capturado por seu eleitorado”. As antigas aspirações populares por terra e autonomia fundiram-se com ideias garveyistas que foram trazidas por oradores visitantes e pelo jornal da Associação Universal Para o Progresso Negro. Um movimento camponês milenarista, coerente, inspirou-se na esperança de que os afro-americanos viessem, com suas próprias frotas e armas, libertar os africanos. O *slogan* do momento foi *amaMelika Ayeza!* (Os americanos estão chegando!).

O sindicato também se espalhou por territórios que eram então a Rodésia, Basutholand e o sudoeste da África. Seu discurso variava de acordo com o contexto e ia de planos para comprar terras ao encorajamento para que as pessoas derrubassem cercas e cultivassem a terra onde quisessem.



AWG Champiob (de pé) e seu melhor amigo Tom Gwala (sentado), que também era membro do ICU.
Arquivos UNISA

Divergências no ICU

Em Durban, o ICU misturou o sindicalismo dos Trabalhadores Industriais do Mundo com o nacionalismo zulu, um nacionalismo africano mais amplo e o garveyismo. Paul la Hausse argumenta que “por meio de uma campanha constante e geralmente bem-sucedida de litígios visando uma bateria de estatutos municipais repressivos, o ICU conseguiu captar a imaginação dos trabalhadores pobres de Durban”. O ICU tornou-se rapidamente adepto dos tribunais; entre as vitórias legais obtidas está a suspensão do toque de recolher, isentando as mulheres africanas de carregarem “passes” noturnos; o fim do poder da polícia de fazer prisões arbitrárias de pessoas africanas e de fazer referências ao caráter de pessoas negras em cadernetas de passe; o fim às proibições aos africanos de fazer comércio na cidade; e, o mais notório, colocaram fim ao sistema pelo qual os povos africanos eram mergulhados, como gado, em tanques de desinfetante na chegada a Durban. Essas vitórias legais deram grande apoio popular a Champion.

Mas, no final daquele ano, Champion foi suspenso aguardando uma investigação sobre alegações de irregularidades financeiras. Em junho do ano seguinte, a maioria das seções de Natal acompanhou Champion em sua saída do ICU nacional para formar um racha, o ICU Yase Natal, que desenvolveu o que la Hausse chamou de “uma cultura política peculiarmente local”.

O ICU não foi bem recebido pela monarquia zulu. Em agosto de 1927, o rei Solomon Zulu – por meio de um jornal editado por John Dube, o presidente fundador do Congresso Nacional Indígena Sul-Africano – ordenou a seus *amaKhosi* (referido

como “chefes” pela autoridade colonial) “acabar com isso em todas as nossas tribos”. O barão do açúcar William Campbell deu apoio ativo às tentativas do rei de se mobilizar contra o ICU. Mas nem todos os *amaKhosi* aceitaram a ordem. Aqueles que apoiaram o ICU foram demitidos pelo Estado colonial.

O ICU se opunha explicitamente à política elitista do CNA, cujos membros eram ridicularizados como “amaRespectables” e cujas reuniões às vezes eram forçosamente encerradas. Depois que a milícia do ICU desmantelou uma reunião organizada por Dube para “nativos respeitáveis” e *amaKhosi* para discutir “péssimas condições sociais” – causadas não pelo município ou pelo colonialismo, mas pelos “nativos da cidade” que organizavam danças noturnas –, Dube declarou que:

Os nativos da cidade estão fora de controle, e a criminalidade está aumentando [...] cabe aos detentores da autoridade acabar com *esses amalaita mobs* [gangues urbanas]. Os líderes dessas gangues devem ser descobertos e há de se lidar com eles. A mistura heterogênea de nativos destribalizados em nossas grandes cidades é um problema dentro de um problema.

Esse discurso espelha o do colonialismo.

O ICU tinha sua própria sede na rua Prince Edward, 117, no centro de Durban, e administrava escolas noturnas, encenava apresentações de música e dança, realizava grandes passeatas, fazia uso inovador dos tribunais e lançava publicações.

Surpreendentemente, os membros do ICU falavam em muitas igrejas, onde se tornou o que a teologia da libertação mais tarde chamaria de voz profética, muitas vezes levando a uma profunda reorientação de sua visão social coletiva. Bradford observa que houve apoio significativo das bases nas batalhas judiciais do ICU e conclui, citando Friedrich Engels, que “lutar para alcançar e definir direitos legais específicos é uma tática-chave pela qual os movimentos adquirem ‘primeiro um solo onde ficar em pé, ar, luz e espaço’”. Na estimativa de Bradford, “o ICU estava se constituindo como um centro de poder alternativo, porém rudimentar em amplas esferas de atividades sociais e estatais”. Ela acrescenta que:

Especialmente quando infundido com a criatividade dos membros, mesmo atividades superficialmente moderadas poderiam apontar o caminho para o desenvolvimento de instituições inovadoras e populares. Embora fragmentárias e parciais, essas tentativas de ampliar o conflito para várias arenas da sociedade foram, no entanto, significativas. Assim, além de suas reuniões e trabalhos de escritório, o ICU promoveu práticas políticas e culturais alternativas àquelas através das quais os brancos moldavam as ideias dos negros.

Muito tem sido produzido sobre as origens de classe média baixa da maioria dos líderes, que frequentemente eram pessoas com algumas habilidades que enfrentavam a proletarianização como um resultado direto de políticas que davam preferência aos trabalhadores brancos. Mas nem todos os seus líderes com-

partilharam dessas origens e estudos detalhados mostram que, embora estivessem frequentemente preocupados com suas próprias trajetórias pessoais, os membros regulares do ICU eram capazes de direcionar as lideranças a partir de baixo. Além disso, a pequena burguesia africana estava sendo sistemicamente expulsa de oportunidades e forçada a existir em um Estado fundamentalmente precário – tanto econômica como politicamente. Sob essas circunstâncias, uma identificação política declinante não era incomum.

No entanto, essa identificação não foi completa ou uniforme. Kadalie preferia cada vez mais buscar o reconhecimento de formas oficiais de autoridade, operar através de canais oficialmente sancionados e recuar de formas militantes de ação direta organizadas a partir das bases. Isso resultou na escalada das tensões com os comunistas do movimento, que apoiaram a ação direta e, na reunião do Conselho Nacional do ICU, em dezembro de 1926, Kadalie, com o apoio de Champion, defendeu com êxito a expulsão dos comunistas.

No ano seguinte, o sindicato – que tinha a adesão de 100 mil pessoas tornando-se, até então, o maior sindicato da história africana – recusou-se a apoiar uma série de greves em Durban e Joanesburgo. Em vez de apoiar os grevistas, Kadalie declarou que as greves “eram ruins” e partiu para a Europa para mobilizar apoio internacional. Foi muito bem recebido e começou, de maneira não muito diferente do que fazem algumas ONGs contemporâneas, a ver a pressão internacional como um substituto da organização.



THERE IS FIRE HERE "I.C.U. Chiefs"

Evan Stedeb

THERE IS FIRE HERE "I.C.U. Chiefs"

Dirigentes do ICU.
Arquivos UNISA

Mas certamente ainda havia correntes militantes na organização, algumas das quais buscavam inspiração nos movimentos anticolonialistas em todo o mundo, em vez de buscar liberais ou socialistas na Europa. Em maio de 1927, o *The Star* informou que o secretário provincial do Estado Livre de Orange, Kable Mote, conhecido como “Leão do Norte”, havia dito ao povo da aldeia: “vou falar sobre o espírito da época, todas as nacionalidades do mundo lutam pela liberdade política”.

A constituição do ICU, adotada em dezembro daquele ano, declarou que:

Como disse Karl Marx, toda questão econômica é, em última análise, também uma questão política, e devemos reconhecer que, ao deixar de nos preocupar com a política atual, ao deixar as máquinas políticas ao controle incontestado de nossos inimigos de classe, estamos prestando um desserviço às dezenas de milhares de nossos membros que estão sofrendo sob leis opressivas e estão buscando protagonismo do ICU.

O cristianismo e o garveyismo – ambos inflados com tons milenaristas – também foram correntes fortes no movimento. As inflexões cristãs e africanistas na política do movimento foram encorajadas pelo fato de que, como observou Paul Landau, “os policiais tinham que monitorar as assembleias públicas para manter as distinções apropriadas: reuniões tinham que ser religiosas, culturais ou tribais, mas nunca políticas, nunca preocupadas em mudar as situações das pessoas neste mundo”.

Em 1928, as tremendas dificuldades em sustentar um movimento de massa em rápido crescimento levaram a sérios rompimentos. Como é frequentemente o caso, rivalidades e tensões que tinham sido controláveis enquanto o sindicato estava crescendo mostraram-se seriamente problemáticas quando o sindicato entrou em declínio. Em Durban, o dinheiro para as batalhas judiciais contra o município acabou e o sindicato se limitava a fazer petições. Mas ainda havia um espírito geral de revolta no ar e os trabalhadores indianos puderam organizar com sucesso vários sindicatos.

Em julho daquele ano, William Ballinger foi trazido da Escócia para atuar como assessor do ICU. Depois de ser informado pela Scotland Yard que a principal preocupação de Ballinger seria se opor ao comunismo entre os trabalhadores africanos, os liberais brancos na África do Sul estavam ansiosos para pagar sua estadia e sua entrada foi concedida pelo Estado. Bradford, que observa que a “falta de experiência sindical de Ballinger foi aparentemente superada por seu anticomunismo”, observa que ele era “a personificação das esperanças liberais” para o ICU, e cita a expressão de esperança de que a nomeação de Ballinger como consultor do sindicato conduziria conclusivamente a “uma dobradiça entre o nativo e o agitador de Moscou”.

Em 1929, o Partido Comunista da África do Sul foi estabelecido em Durban. Apesar da suspeita de Champion tanto em relação à liderança branca do partido como de sua posição sobre a propriedade, alguns dos principais membros do ICU Yase Natal se juntaram ao partido. O espírito rebelde que ha-

via estado no ar por algum tempo começou a tomar uma forma milenarista. Nas reuniões, muitas vezes era declarado que a liberdade havia tirado uns meses de folga e, como explica Bradford, a luta assumia todos os tipos de formas, desde “petições, batalhas legais e resistências passivas, até paralisações no trabalho, apreensões de terra e guerra sangrenta”. Os oficiais da Lei do Passe – encarregados de fazer cumprir as leis segregacionistas que restringiam o movimento e os direitos dos negros sul-africanos – foram atacados.

One God ! One Aim ! One Destiny !

THE
INDUSTRIAL & COMMERCIAL
WORKERS' UNION.

I.C.U.

YASE NATAL.

Established May 31st, 1928.

MEMBER'S
CONTRIBUTION CARD.

Branch :—

Head Office : **DURBAN.**

A

Cartão de contribuição dos membros da ICU yase Natal.
Wits Historical Papers

Confronto em Durban

As oportunidades para as mulheres africanas encontrarem trabalho em Durban eram muito limitadas. Um levantamento de 1930 mostrou que apenas 4% das mulheres africanas tinham emprego. A produção de cerveja tornou-se um meio-chave para muitas delas ganharem a vida. As tentativas do município de impedir a fabricação independente de cerveja e de monopolizar a venda da bebida para financiar a opressão diária dos africanos foram profundamente impopulares. As favelas de Sydenham eram um foco de militância e os trabalhadores em toda a cidade formavam uma sólida base de oposição à política de cerveja da cidade.

Em 1929, as mulheres começaram a se organizar contra cantinas municipais e pelo direito de fabricar cerveja em pequenas cidades de Natal. Em novembro daquele ano, os protestos chegaram a Durban. As mobilizações foram atribuídas – como é mais ou menos sempre o caso na imaginação colonial – a um agitador externo malévolo. As incursões em cervejarias domésticas foram implacáveis e destrutivas e muitas vezes envolveram roubo e assédio. Em algumas partes de Durban, como Sydenham, onde 10 mil africanos haviam se estabelecido, e onde o Estado simplesmente não tinha capacidade de realizar despejos em massa, os assentamentos se tornaram espaços com um grau de autonomia do controle estatal. Mas em maio daquele ano, o Estado sinalizou sua intenção de tomar o controle da fabricação e venda de cerveja em Sydenham. O ICU rapidamente respondeu com duas grandes marchas saindo da sede do sindicato na rua Prince Edward para Sydenham – a primeira foi liderada por uma banda de metais, um homem em um kilt e

porta-bandeiras carregando a bandeira do Reino Unido e uma bandeira vermelha com a foice e o martelo.

Esse movimento de moradores da periferia urbana para o centro da cidade, vestidos de vermelho, criou ansiedade considerável nos brancos. Uma música, cantada por trabalhadores domésticos, expressou um desafio inequívoco:

Quem tirou nosso país de nós?

Quem o tirou?

Venham! Deixe-nos lutar!

A terra era nossa. Agora nos foi tomada.

Em meados de junho, os trabalhadores das docas, que estavam reunidos e bem preparados para se mobilizar de maneira rápida e eficaz, declararam um boicote às cervejarias. Champion foi inicialmente hostil à ideia, mas, no final, teve que dar seu apoio. Uma vez que ele foi forçado a abandonar sua primeira estratégia – que era usar a linguagem da temperança cristã para se opor às cervejarias – o ICU foi capaz de canalizar a agitação para um boicote bem organizado. Durante uma reunião de 5 mil pessoas no Cartwright's Flats, que foi organizada logo depois de milhares de manifestantes terem entrado em confronto com a polícia do lado de fora de uma cervejaria, ele declarou que “a partir de hoje o ICU está assumindo o fardo dos trabalhadores, está simpatizando com eles e disposto a morrer com

eles [...] Devemos conseguir dinheiro em Durban e construir casas do lado de fora [...] Abaixo à cerveja [municipal]!”.

O Presidente do CNA, J. T. Gumede, também falou na reunião. Em 1927, Gumede, James La Guma (um comunista da Cidade do Cabo e um dos primeiros participantes do ICU) e Dan Colraine (um comunista branco que visitou comunistas em Bruxelas e Berlim) foram calorosamente recebidos por 10 mil pessoas antes de fazer seu caminho para Moscou como convidados na celebração do 10º aniversário da Revolução Bolchevique. A convite pessoal de Joseph Stalin, Gumede continuou na Geórgia. Ele ficou muito impressionado com a tentativa soviética de transcender o nacionalismo étnico e voltou declarando: “estive na nova Jerusalém. Trouxe a chave que pode abrir a porta para a liberdade”. Na reunião em Cartwright’s Flat, Gumede declarou que:

O ICU tomou absolutamente o lugar do Congresso em Natal e isso mostra que os oficiais do [Congresso] estavam errados ao pensar que poderiam pensar por outras pessoas. Agora vamos nos unir e tomar nossa liberdade. [...] Hoje o negro e o branco pobre estão oprimidos [...] o dinheiro vai para os capitalistas [...] trabalharemos juntos pela Independência Nacional deste país.

No ano seguinte, Gumede foi forçado a sair da Presidência do CNA – em grande parte devido à sua adoção do comunismo soviético – e substituído por Pixley ka Seme, um homem educado nas missões com diplomas das universidades de Columbia

e Oxford que havia se casado com uma integrante da família real Zulu.

Em 17 de junho de 1929, todas as cinco cervejarias de Durban foram alvo de piquetes feitos por trabalhadores portuários e um motorista branco foi morto. Champion foi levado pela polícia para a multidão agitada, onde – de acordo com ele e a polícia – tentou acalmar a multidão que se dispersou depois de algum tempo. Mas uma multidão branca correu para a sede do ICU para se vingar. La Hausse fez uma descrição concisa dos eventos:

Os ‘vigilantes’ brancos sitiaram a sede do ICU e, à noite, perto de 2 mil civis brancos, de “todas as classes”, e 350 policiais enfrentaram 6 mil trabalhadores africanos empunhando bastões. Esses africanos haviam vindo de todos os cantos da cidade para defender os homens, mulheres e crianças sitiados no salão e, nos confrontos seguintes, 120 pessoas ficaram feridas e 8 foram mortalmente feridas.

No final, os “vigilantes” destruíram o salão do ICU, bem como os instrumentos de sua famosa banda de metais. O protesto se espalhou para Pinetown e as pequenas cidades do interior. Embora os tumultos de Durban tenham sido logo esmagados pela polícia, o monopólio municipal da cerveja nunca recuperou sua plena autoridade. A resistência foi logo retomada pelos estivadores que, com o apoio dos comunistas, organizaram-se contra a Lei do Passe no ano seguinte, ao custo de algumas vidas.

Em setembro de 1930, Champion foi banido de Natal por três anos, não como resultado dos tumultos na cervejaria – como mostra Shula Marks –, mas sim porque ele havia se encontrado com o rei Zulu, Salomão, após os tumultos. Ela argumenta que “foi através da família real Zulu que o Estado esperava ‘renovar o tradicionalismo’ e fortalecer seu poder sobre os chefes e sua rede rural de controle [...] O pensamento de que Champion poderia usar a mesma rede e talvez radicalizá-la era claramente desconcertante”. Ela também cita G. N. Heaton Nicholls, presidente da associação de plantadores de cana-de-açúcar e um segregacionista arcaico, que argumentou em uma carta ao governo nacional: “acho lamentável que, em vez de fortalecer os elementos aristocráticos e conservadores entre os nativos, os entreguemos às armas dos nativos revolucionários”.

O boicote das cervejarias continuou por algum tempo após o ataque ao salão do sindicato. Um massivo e altamente militarizado ataque matinal aos quartéis dos trabalhadores das docas em novembro, conduzido em meio à escalada da paranoia branca a respeito de uma revolta liderada por trabalhadores, não rompeu o boicote, nem exigiu seu fim pelo CNA. Ainda em 1936, as vendas nas cervejarias municipais eram menos da metade do que eram antes do boicote.

Em 1930, a iniciativa política na cidade havia mudado a favor do Partido Comunista da África do Sul – ironicamente e em parte devido ao banimento de Champion. Em meio à oposição da liderança do ICU, o Partido Comunista – encabeçado pelo líder dos trabalhadores portuários, Johannes Nkosi – organi-

zou trabalhadores diários para queimar as cadernetas de passe que eram forçados a carregar, o que restringia sua circulação e os sujeitava ao controle do governo. Em 16 de dezembro, mais de 2 mil cadernetas foram entregues para serem queimadas antes que a polícia atacasse o grupo, submetendo Nkosi a um ataque que lhe tirou a vida em 19 de dezembro. Três outros também foram mortos.

Dube se recusou a condenar a polícia e atribuiu a violência a “essas novas pessoas que saíram de casa para vir trabalhar aqui”. A apresentação da dissidência política como consequência de pessoas estarem fora do lugar e ilegitimamente na cidade não era um fenômeno exclusivamente branco. É um discurso ainda invocado pelos principais políticos do CNA em Durban hoje. O esmagamento do protesto de queima das cadernetas de passe marcou o fim da primeira grande sequência de protestos populares em Durban.

O Partido Comunista foi à clandestinidade e mais de duzentos de seus membros mais ativos foram deportados. Em 1931, o ICU era uma força desgastada na África do Sul, embora várias seções perdurassem pelos próximos trinta anos, e ele tenha continuado a florescer na Rodésia até os anos 1950.



Reunião do ICU com a polícia presente (o conselheiro do ICU William Ballinger também estava presente).
Arquivos UNISA

O sedimento mental

Poderíamos dizer, como Rosa Luxemburgo, que “a coisa mais preciosa, porque duradoura, no rápido vem e volta da onda é seu sedimento mental: o crescimento intelectual e cultural do proletariado, que se inicia aos solavancos”.

O líder do ICU, Jason Jingoos, capturou a essência desse sedimento em uma entrevista no *The Herald* em março de 1927:

Embora suas iniciais representassem um título chique, para nós, Bantu, significava basicamente: quando você maltrata o povo africano, eu vejo você; se você os expulsar das calçadas e disser que eles devem andar com os carros e carros de bois, eu vejo você; eu vejo você quando você não protege o Bantu; quando uma mulher africana com seu filho nas costas é derrubada pelos carros na rua, eu vejo você; eu vejo você quando você chuta meu irmão, eu vejo você.

O “sedimento mental” deixado pela ascensão e queda do ICU foi global. Em 1938, C. L. R. James, o grande intelectual caribenhinho, escreveu que:

Será difícil superestimar o que Kadalie e seu companheiro, Allison Champion, conseguiram entre 1919 e 1926 [...] O verdadeiro paralelo a esse movimento é a revolta em massa em San Domingo. Existe a mesma capacidade instintiva de organização, o mesmo lançamento de líderes talentosos dentre as massas.





AWG Champion e Clements Kadalie com membros do ICU em 1943.
Arquivos UNISA

Indicações bibliográficas

- Bonner, Phil.** 'The Decline and Fall of the ICU: A Case of Self-Destruction? *Essays in South African Labour History*. (Ed.) Eddie Webster. Johannesburg: Ravan Press, 1978.
- Bradford, Helen.** *A Taste of Freedom: The ICU in Rural South Africa, 1924 – 1930*. Johannesburg: Ravan Press, 1987.
- Bradford, Helen.** 'Class Contradictions and Class Alliances: The social nature of the ICU leadership, 1924 – 1929' in *Resistance and Ideology in Settler Societies*, (Ed.) Tom Lodge, Johannesburg: Ravan Press, 1986.
- Champion, A. W. G.** *The Views of Mahlathi: Writings of A.W.G. Champion, a Black South African*, edited by M.W. Swanson and translated by A.T. Cope and E.R. Dahle. Pietermaritzburg: University of Natal Press and Killie Campbell Africana Library, 1982.
- C.L.R. James.** *A History of Pan-African Revolt*. Washington: Drum and Spear Press, 1969 (originally published in 1938).
- Collis, Victoria.** *Anxious Records: Race, Imperial Belonging, and the Black Literary Imagination, 1900 – 1946*, PhD Thesis, Columbia University, 2013.
- Cooper, Frederick (ed.)**, *Struggle for the City: Migrant Labor, Capital, and the State in Urban Africa*, Beverly Hills/London/New Delhi: Sage Publications, 1983.
- Cope, Nicholas.** *To Bind the Nation: Solomon ka Dinuzulu and Zulu Nationalism 1913 – 1933*. Pietermaritzburg: University of Natal Press, 1993.
- Cope, Nicholas.** 'The Zulu Petit Bourgeoisie and Zulu Nationalism in the 1920s: Origins of Inkatha' in *Journal of Southern African Studies*, Vol. 16, No. 3, 1990.
- Couzens, Tim.** *The New African: A Study of the Life and Work of H.I.E. Dhlomo*. Johannesburg: Ravan Press, 1985.

- Dangl, Benjamin.** *The Five Hundred Year Rebellion: Indigenous Movements and the Decolonization of History in Bolivia.* Oakland: AK Press, 2019.
- Jingoos, Jason.** *A Chief is a Chief by the People: The Autobiography of Stimela Jason Jingoos,* recorded and compiled by John and Cassandra Perry London: Oxford University Press, 1975.
- Johnson, David.** 'Clements Kadalie, the ICU, and the Language of Freedom', in *English in Africa*, Vol. 42, No. 3, 2015.
- Hemson, David.** 'Class Consciousness and Migrant Workers: Dock Workers of Durban'. PhD Thesis. University of Warwick. 1979.
- Kadalie, Clement.** *My Life and the ICU.* New York: The Humanities Press: 1979.
- Landau, Paul.** *Popular Politics in the History of South Africa, 1400-1948.* New York: Cambridge University Press: 2010.
- La Hausse, Paul.** *Brewers, Beerhalls and Boycotts: A History of Liquor in South Africa.* Johannesburg: Ravan Press, 1988.
- La Hausse, Paul.** *Restless Identities: Signatures of Nationalism, Zulu Ethnicity and History in the Lives of Petros Lamula (c.1881-1948) and Lymon Maling (1889-C.1936).* Pietermaritzburg: University of Natal Press, 2000.
- La Hausse, Paul.** 'Drinking in a Cage: The Durban System and the 1929 Beer Hall Riots', in *Africa Perspective*, No.20, 1982.
- La Hausse, Paul.** 'The Dispersal of the Regiments: African Popular Protest in Durban, 1930' in *Journal of Natal and Zulu History*, Vol. 10, 1987.
- La Hausse, Paul.** 'The Cows of Nongoloza' Youth, Crime and Amalaita Gangs in Durban, 1900 – 1936' in *Journal of Southern African Studies*, Vol. 16, No. 1, 1990.

- La Hausse, Paul.** 'Beer, Social Control and Segregation'. Honours Thesis. University of Natal. 1980.
- La Hausse, Paul.** 'The Struggle for the City: Alcohol, the Ematsheni and Popular Culture in Durban, 1902 – 1936'. M.A. Thesis. University of Cape Town. 1984.
- Linebaugh, Peter & Rediker, Marcus.** *The Many-Headed Hydra: Sailors, Slaves, Commoners, and the Hidden History of the Revolutionary Atlantic.* Boston. Beacon Press. 2000.
- Marks, Shula and Richard, Rathbone (ed.),** *Industrial and Social Change in South Africa: African class formation, culture and consciousness 1870 – 1930.* New York: Longman, 1982.
- Marks, Shula.** *The Ambiguities of Dependence in South Africa: Class, Nationalism, and the State in Twentieth – Century Natal.* Johannesburg: Ravan Press, 1986.
- Marks, Shula.** 'Natal, the Zulu Royal Family and the Ideology of Segregation' in *Journal of Southern African Studies*, Vol. 4, 1977 – 78.
- Masilela, Ntongela.** *The Cultural Modernity of H.I.E. Dhlomo.* Trenton: Africa World Press, 2007.
- Maylam, Paul, and Edwards, Iain (eds.),** *The People's City: African Life in Twentieth-Century Durban.* Durban: University of Natal, 1996.
- Maylam, Paul.** "'The Black Belt": African Squatters in Durban, 1935-1950' in *Canadian Journal of African Studies*, Vol. 17, No. 3, 1983.
- Maylam, Paul.** 'The Rise and Decline of Urban Apartheid in South Africa' in *African Affairs*, Vol. 80, No. 354, 1989.
- Meli, Francis.** *A History of the ANC: South Africa Belongs to us.* Harare: Zimbabwe Publishing House, 1988.

- Mkhize, David.** *Ngavele Ngasho*. Pietermaritzburg: Shuter and Shooter, 1965.
- Peterson, Bhekizizwe.** *Monarchs, Missionaries & African Intellectuals: African Theatre and the Unmaking of Colonial Marginality*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 2000.
- Roux, Edward.** *Time Longer Than Rope: A History of the Black Man's Struggle for Freedom in South Africa*. London: Victor Gollancz Ltd, 1948.
- Skota T.D. Mweli (ed.)**, *The African Yearly Register: Being an Illustrated National Biographical (Who's Who) of Black Folks in Africa*. Johannesburg: The Orange Press, 1932.
- Trouillot, Michel-Rolph.** *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press, 1995.
- Swanson, Maynard. W.** 'The City in history: the rise of multiracial Durban' in *John Bird Historical Society Proceedings*, Vol. 1, No. 5, 1961.
- van der Walt, Lucien.** 'The First Globalisation and Transnational Labour Activism in Southern Africa: White Labourism, the IWW, and the ICU, 1904 – 1934' in *African Studies*, Vol. 66, 2007.
- van der Walt, Lucien.** 'Anarchism and Syndicalism in an African Port City: The Revolutionary Traditions of Cape Town's Multiracial Working Class, 1900 – 31. *Labor History*, Vol. 52, No. 2, 2011.
- Vinson, Robert Trent.** *The Americans Are Coming! Dreams of African American Liberation in Segregationist South Africa*. Athens: Ohio University Press, 2012.
- Wickins, Peter.** 'The One Big Union Movement Among Workers in South Africa' in *The International Journal of African Studies*, Vol. 3, No. 3, 1975.





Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
*é uma instituição internacional, organizado por
movimentos, com foco em estimular o debate
intelectual para o serviço das aspirações do povo.*
www.otricontinental.org

Instituto Tricontinental de Investigación Social
*es una institución promovida por los movimientos,
dedicada a estimular el debate intelectual al servicio
de las aspiraciones del pueblo.*
www.eltricontinental.org

Tricontinental: Institute for Social Research
*is an international, movement-driven institution
focused on stimulating intellectual debate that serves
people's aspirations.*
www.thetricontinental.org